

Biopolítica, uma compreensão

Um olhar da biopolítica como teorema da bioética por J. R. Junges

Graziela Bandeira Magalhães *

Resumo

O objetivo desta leitura é analisar os aspectos centrais da bioética. A sua função principal é conduzir, gerir e administrar a vida, uma vez que a sociedade pode fazer intervenções tecnológicas diversas para transformá-la. A mudança leva a outra ponderação: existe uma alternância da geopolítica para a biopolítica? Sim. Se o conhecimento territorial determina e modela os aspectos da soberania, a biopolítica tornou-se um padrão determinante nas conjecturas do poder em vários lugares do mundo. Ao examinar os mecanismos que estruturam a relação entre ética e poder percorremos um complexo sistema de biopoder que controla os avanços vitais irrestritos da existência com as biotecnologias. O cenário da biopolítica se descortina com o incremento de investimentos financeiros e da alta lucratividade, orquestrando a valorização econômica da vida; a bioeconomia.

Palavras-chave: Biopolítica. Bioética. Biopoder. Bioeconomia. Biotecnologias.

* Administradora, mestre em desenvolvimento econômico e políticas públicas pela Universidad Autónoma de Madrid e mestranda em filosofia pela Faculdade Jesuíta de Teologia e Filosofia - FAJE.

Abstract

The aim of this reading is to analyze the central aspects of bioethics as presented to José Roque Junges. Bioethics is understood by its function: to guide and manage life through all the technological interventions made by and inside our society, which allows the transformation of the Bios. The change in peoples lives caused by technology leads us to another question: is an ongoing transformation from geopolitics to biopolitics happening? While territorial knowledge regulates and models aspects of sovereignty, biopolitics has become a decisive factor in the power conjectures in many parts of the world, modifying the relationship between territory and power. Moreover, when we examine the mechanisms that permeate the connection of ethics and power beyond territorial boundaries, we go through a complex system of biopower that controls the advancement of biotechnologies. Therefore, the biopolitics scenario is unveiled when the increasing number of high profitable financial investments orchestrates the economic appreciation for life: bioeconomics. Hence, the Bios possible outcomes are instruments that will guide us on the comprehension of Biopolitics.

Introdução

O surgimento da Bioética ocorreu em meados de 1970. Os principais pesquisadores do tema foram o filósofo Tom L. Beauchamp, professor da Georgetown University, e o filósofo e teólogo James F. Childress. A inspiração para os princípios bioéticos remonta às matrizes éticas de Immanuel Kant e John Stuart Mill.

O artigo *Biopolítica como teorema da bioética* revela as novas configurações das relações das políticas de poder e da valorização da vida, da mudança de valores na vida da sociedade contemporânea, mas essa concepção vai além... Por representar a inserção desta perspectiva de transição de valor no fundamento das questões sociais, a biopolítica tornou-se um tipo de governança da saúde pública e passou a monitorar a vida da população; de forma que "... a vida em geral possa ser manipulada em seus processos bioquímicos" (JUNGES, 2018, p.165). Muitos desafios surgiram a partir disso.

Ao tratar essa dinâmica José Roque Junges se refere ao teorema como afirmação verdadeira de uma lógica de axiomas. Ele explica o teorema como as condições que devem ser esclarecidas, – "inspiradas na relação hipótese, tese e conclusão". (JUNGES, 2018, p.164). Do ponto de vista filosófico, trata-se de ponderações consecutivas, nas quais um princípio está implicado. Esta seria uma configuração para se compreender a realidade social atual.

Marcado pelo contexto ético existencialista, o teorema se concentra nas ações éticas e nas consequências dos efeitos históricos que recaem sobre ela. Essa opção global de existência define a moral de cada um. A moral humana é abordada no posicionamento existencial global e não se restringe a uma decisão particular. A consciência e a liberdade atuam no discernimento de forma livre e ética quando a pessoa amadurece, assume e direciona a sua vida conscientemente. Do mesmo modo, o teorema propõe uma concepção dessa categoria para a ética social. A questão chave desenvolvida por Junges é: "Qual seria o conceito correspondente de opção fundamental como teorema quando se trata de uma ética de cunho social, como a bioética?" (JUNGES, 2018, p.164).

A ética pessoal é amparada pelo posicionamento existencial, norteado pela personalidade moral. Do mesmo modo, a ética social deve ser compreendida a partir da aderência ao contexto social, cultural, econômico e político. A função da bioética é a deliberação e o equacionamento entre a ética e a governança do poder. A bioética abarca os problemas com dimensões plurais e indissociáveis das dinâmicas tecnológicas, culturais, sociais, econômicas e políticas, que se configuram na administração da vida.

1. A função principal da bioética

Para entender as motivações que influenciam a função da bioética identificamos; a vida se transforma em um produto vendável; a saúde, a qualidade de vida e o bem-estar são promessas subjetivas; a absorção desses direitos são prioridades das dinâmicas socioculturais. Ou seja, os processos que favorecem as formas de se viver passam a ser a bioeconomia, a biomedicina e o biopoder. O controle dos governos da forma como a sociedade vive. É possível aferir onde está a paridade da biopolítica. Essa é uma problematização reforçada por Junges. Ela diz respeito à redução da vida humana de forma que a noção científica dos processos biológicos tenha superado a "visão vitalista". Junges menciona Agamben e o conceito de "vida nua" (2018, p.169), a ênfase dada a existência física sobre a dimensão moral. A conclusão é a evidente captura da vida biológica com a intenção política secular que sobrepuja a aura transcendente.

Assim, Junges elabora a crítica dos problemas que a bioética enfrenta a partir do aprofundamento das reflexões sobre a vida, o corpo e a subjetividade. Sendo estas as bases da biotecnologia no entorno econômico atual. A postura crítica de Junges inspira-se nos debates sobre as vidas e na ontologia do uso de Agamben, na obra intitulada "L'uso dei corpi".

2. A vida como valor de troca

Tomando o isolamento da vida diante das interações socioculturais, a sobrevivência fisiológica por meio da privação do espaço, pela formação de ambientes artificiais, a segregação dos acessos de humanização, dentre outros, pontuamos o conceito de vida subjacente às intervenções tecnológicas. Referimos ao acesso a tecnologias que sobrepõe a dinâmica da vida social e dos espaços sociais.

A desvalorização das afinidades ambientais com o homem desqualifica o cerne da biodiversidade e dos ecossistemas. Tudo isso atua como instrumentos de esvaziamento da vida, alterando os processos sociais, culturais, seus fins e as tomadas de decisões em relação a eles. Existe uma inversão de princípios com referência à tradição grega: *zoé* a vida biológica - a vida nua privada e *bios*; a vida na esfera pública da moralidade política. Atualmente, incide o reverso grego. Junges (2018, p.165) enfatiza: "a vida biológica faz parte da esfera social do mercado e a vida moral de cada um é uma preocupação privada".

A justificativa de Agamben, pautada por Junges, apresenta-se como necessidade de se recobrar um caminho de recuperação sobre qual foi o momento em que a vida-nua tomou o espaço nas disciplinas filosóficas, da mesma forma de quando houve o fortalecimento da relação da biologia com as mais diversas áreas. Trata-se de entender como essa inversão se impôs no âmbito dos conceitos de biopolítica. Esse entendimento é um desafio ético, em que a biologia ultrapassa os limites das interações ecossistêmicas e é separada da dimensão humana de dignidade. Um dilema que se encontra nos problemas fundamentais da bioética.

A explicação aproxima-se dos fundamentos ligados a valor de uso e valor de troca. O que parece sustentar a possibilidade de restituir a relação fundamental do valor de troca, uma distorção dos acontecimentos sociais com bases na valorização econômica. Uma consequência da redução da vida a mecanismos biológicos. Antes, far-se-á necessário distinguir o valor de uso e o valor de troca. O valor de uso emerge da sua unidade, especificidade aos quais determina o ser como autônomo. Ele se veste por seu modo de ser, origina-se das interações com seu ambiente onde a base da autonomia maneja a sua vida. O contrário ocorre quando o ser é separado de sua forma e se torna manipulável. Sua vida é comercializável e determinantemente esvaziada de valor. Assim, o valor de troca do mercado se ajusta com a materialização da vida. A cisão entre vida e forma de vida caracteriza a base de qualquer biotecnologia. Agamben chama esse acontecimento de comodificação da vida, da saúde, do corpo. "As realidades fragmentadas transformam-se em commodities", destaca Junges (2018, p.166).

Os mecanismos e as reações sobre a vida funcionam com algoritmos biológicos possíveis de se calcular, antever e monitorar através de tecnologias, de inteligência artificial. Da mesma forma, tem havido

respostas que o substituem, algoritmos artificiais e externos à vida. A vida deixa de depender de moléculas biológicas e passa a usar bancos de dados para melhorar as suas expressões genéticas. Assim a vida artificial poderá ser criada. Mas não gerada. O *big data* surge para tratar os dados; quanto mais dados melhor serão os cálculos para prever reações e tomadas de decisões. Os algoritmos dependem desses dados para serem armazenados.

3. Essência desprezada

Apresentada essa condição complexa e duradoura de captura dos dados, deparamo-nos com o esvaziamento do ser. O que vivenciamos é um reflexo do que o homem se propôs embora possamos identificar traços da intensa crise de ruptura da nossa essência de humanidade, pois assim foi estabelecida a substituição dos valores morais pelos algoritmos. Desmembra-se a consciência da inteligência para uso da inteligência artificial. Privilegia-se a inteligência artificial, a capacidade de minerar e armazenar os dados. Para o mercado e instituições diversas a posse das biotecnologias significa a maior rentabilidade das ações financeiras. Além disso, derivam-se decisões estatisticamente precisas e mais ágeis para o uso da estratégia de mercado, conferindo relações duradouras do indivíduo com o modo de consumo. Ao mesmo tempo que se dispensa a ética, a publicidade resgata um discurso emocional sedutor. Tudo em prol da rentabilidade financeira, do biopoder. Uma sequência que gera a necessidade do enfrentamento da bioética. Entre as principais empresas que aplicam a estruturação da transformação das vidas através da biotecnologia são conhecidas: Google, Facebook, Microsoft e os laboratórios farmacêuticos. As instituições funcionam como transmissores responsáveis por levar energia até a rede do biopoder.

O sistema tecnológico baseado em *big data*, internet das coisas e inteligência artificial manuseia a informação dos clientes, ação por elas içadas. Em posse dessas biotecnologias as empresas detêm também uma grande interferência das ações financeiras e influenciam o mercado de capitais. O que é, em certa parte, o mapeamento do plano estratégico. Portanto, a mecanização de todo o processo é evidente; uma cadeia que consome a moral da essência humana inclui muitas vezes quem aplica, aprimora e executa a decisão da implantação desse extensivo e intensivo plano de *marketing*. Afinal, existe alguém para apurar ou dizer o que é realizável. Idem, os algoritmos têm cumprido esse papel.

Junges identifica com clareza a transformação da vida pelo valor de troca, pela sua redução e pelo uso inaudito dos processos bioquímicos aplicados ao cotidiano social, como ilustrado acima: “Trata-se de governança de subsunção da vida ao capital mediante sujeição social da subjetividade apropriada e da escravização simbólica da inteligência pela interiorização maquinal do sistema” (JUNGES, 2018, p.168). Ele explica que

o contraste se abre em duas frentes; um modo que apoia a transformação genética da humanidade e outro ponto que questiona os impactos da transformação biotecnológica em prol da permanência da humanidade, na autonomia do sujeito. Ainda analisamos outros riscos. A rentabilização invade a vida sob vários aspectos. De um lado a *vida* e do outro a *lógica financeira*. Assim, entende-se que na primeira a vinculação da ética com a bioeconomia. As distâncias são marcadas; as indústrias farmacêuticas não são filantrópicas (Cf.: JUNGES, 2018, p.167). Nessa formulação, a produção dos bens de consumo sujeita a qualificação da vida, os meios são a captura tecnológica e econômica da vida.

Por esse ângulo, reconhecemos uma matriz de crise ética. O Ser é desprezado por várias vias. Então, como a bioética enfrenta a crise? É fundamental refletir, a humanidade será desprezada ou aperfeiçoada? Esse momento confirma as verdadeiras raízes de uma crise civilizacional. Junges (2018, p.168) frisa “a comercialização conforma as verdades sobre a vida”.

Nós não nascemos com essa exclusividade. A dinâmica da vida é dinâmica. A essência da vida é a vida. Somos dotados de capacidades singulares, traz a socialização, a humanização, a racional paixão pela vida, sob a vida. O esforço da convivência, da superação, da imaginação, da fé que nos move. A existência prezada é primorosa em todos os sentidos. A ideia da humanidade desprezada afronta uma retórica ilusória que insiste em confundir o real, a veste do valor real da vida.

A negação do esvaziamento deve ser trazida para a reflexão em prol dessa vestimenta. Se antes de existirmos éramos nada, o nascimento, - a vida é o preenchimento por si só de tudo. Ainda que a consciência revele o existir, a essência do ser, - estamos preenchidos pela vida. A essência é recobrada pela respiração; movimento. E ainda que o esvaziamento do ser se encontre no aspecto da primazia financeira, do desvio de conduta ou da guerra e persiste, há casos em que sobrevém a opção pela solidariedade. A humanidade traduz a capacidade cheia de um valor real, recheada pela maravilha do olhar atento ao próximo. Essa origem vital se ocupa pelo centro virtuoso do reconhecimento da natureza humana, a capacidade ainda que próxima, superior em alguns pontos a vida dos insetos. O demais é ilusório, porque as sensações ali tomadas são binárias, nós enquanto seres sensoriais somos tomados pela vida que se completa pela dignidade, pela integridade e pela moral autêntica de valor real, nobre e justo, quando queremos. Antecipamos algumas conclusões. Contudo, existem vários desdobramentos dessa reflexão, pois o meio, as percepções e experiências práticas interferem nesse processo essencial.

Essa é uma reflexão que anuncia; a nossa essência não pode ser desprezada. A diferença do que enfrentamos em tempos recentes é a predominância maquínica nos ecossistemas, “imperativo tecnológico”, em que a *techne* toma o espaço do mundo simbólico do ser humano, deixa de ser mera ferramenta e torna-se o próprio ecossistema (2018, p.169). Nos deparamos com o humano tecnificado, cuja cultura é conformada pelos

valores simbólicos da técnica. Ou seja, todo o conteúdo de desejos e necessidades é apresentado e categorizado por esse sistema, sendo a base da construção de significados e sem referência não consegue avaliá-lo. Junges (2018) cita Ellul (2004); o que se propõe é pensar, interpretar e reconhecer essa mudança contemporânea no modo de vida atual. O objeto instrumento passou a ser simbólico. Compreender como tudo isso nos afeta e empenhar um pensamento crítico para levantar questões éticas coerentes com a vida real que precisamos resgatar.

Considerações finais

A tentativa de reconstruir a ponte entre a ética e o uso de biotecnologias partiu da necessidade de promover a governança da biopolítica da vida. Assim, a vida foi compreendida sempre mais com os mecanismos biológicos moleculares, última ligação “do processo de redução da vida humana à vida nua” (2018, p.166). Essa compreensão favorece o uso de intervenções a fim de melhorar e beneficiar o funcionamento mecânico que toma a sociedade contemporânea. Quando antes era a força de trabalho o eixo de gestão mecânica, hoje é o cérebro. É dizer, a mais-valia acontece pela captura da subjetividade no estímulo aos valores de bens de consumo que proporcionados pelo mercado. Uma captura garantida pelas tecnologias digitais.

Entre as exposições recentes em torno do tema, o autor sugere que devemos ser críticos na valorização comercial de troca, pois elas superdimensionam os impactos de variáveis e ações econômicas para a vida social. A qualidade real da vida emana de sua forma. Junges (2018, p.169) cita Agamben com o termo “forma-de-vida”, como uma vida que nunca pode ser separada de sua forma, uma vida que “jamais é possível isolar e manter separada de uma vida nua” (Junges, 2018, p.170). Somente nos tempos modernos considerou-se separar a vida nua de sua forma. Porém é necessário um esforço de consenso.

Referimos a Vaz (1) também: ele aponta o cenário atual que vivemos – uma situação paradoxal que contrapõe as extremas riquezas às extremas misérias. Vaz revela que a primeira evidência desse paradoxo é a crescente produção de bens materiais, que ocupa o espaço humano e atesta a passagem do mundo da natureza para o mundo da cultura. A outra evidência é a supressão dos valores espirituais advindos da primeira evidência. Por fim, ele afirma que a ética “espraia-se” num mundo de relativismo universal e hedonismo sem limites. O que torna urgente a reflexão (e a ação) *ética*. Vaz ressalta a importância da ética em várias áreas, em argumentos singulares que demonstram a crise do *ethos*.

A compreensão a que tudo isso está ligada explica “a prioridade não é tanto o conceito de teorema, mas as perspectivas que se abrem para a bioética a analisar as dinâmicas biopolítica do atual contexto de governança da vida”.

Referências

ESPOSITO, Roberto. *Bios: biopolítica e filosofia*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2017.

JUNGUES, José Roque. Biopolítica como teorema da bioética. *Revista de Bioética*, v.26, n.2, p.163-171. 2018. Disponível em:

http://revistabioetica.cfm.org.br/index.php/revista_bioetica/article/view/1525/1846. Acesso em: 03/12/2020.

JUNGUES, José Roque. O nascimento da bioética e a constituição do biopoder. *Acta Bioethica*, n.17, n.2, p.171-178, 2011. Disponível em: <https://scielo.conicyt.cl/pdf/abioeth/v17n2/a03.pdf>. Acesso em: 03/12/2020

SPERBER, M. C. *Dicionário de ética e filosofia moral*. São Leopoldo: Unisinos, 2013.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de filosofia II*. Ética e Cultura. São Paulo: Loyola, 1993.